



O MODERNISMO ITALIANO E O DEBATE SOBRE A CASA SIMPLES A PARTIR DO PENSAMENTO DE LINA BO BARDI

Maria Izabel Rêgo Cabral
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
belcabral@yahoo.com.br

Virgínia Pereira Cavalcanti
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
cavalcanti.virginia@gmail.com

Evandro Alves Barbosa Filho
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
evealves85@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar as expressões do modernismo italiano na obra de Lina Bo Bardi, através do debate sobre a casa simples. O estudo é qualitativo e o *corpus* é composto por 83 artigos escritos por Lina Bo Bardi, enquanto autora ou coautora, sendo 11 para a revista Domus e 72 para a revista Grazia, entre 1940 e 1946, ainda durante a fase italiana da arquiteta e designer. Neste período, foram publicados 17 artigos na revista Domus e 76 na revista Grazia. Os artigos em italiano foram traduzidos para o português e todos os trabalhos foram submetidos à análise de conteúdo. Além do estudo documental, foi realizada revisão de literatura sobre modernismo, o modernismo italiano e sua principal expressão, o racionalismo. Verificou-se que o contexto político e econômico da Itália da primeira metade do século XX, dominada pelo fascismo, assim como, as disputas ideológicas em torno do projeto moderno e as escolhas políticas de Lina Bo Bardi condicionaram o desenvolvimento de uma reconceitualização, por parte da autora, do debate em torno das edificações e do mobiliário que culmina no debate sobre a casa simples. Nesta construção teórica e discursiva, a autora atribui centralidade a uma casa que antes de tudo seja o espaço de reprodução da força de trabalho do operariado urbano e que responda às necessidades e valores de uso de seus moradores, em detrimento de necessidades estéticas e alegóricas.

Palavras-chave: Modernismo italiano, Lina Bo Bardi, casa simples, racionalismo italiano.

Abstract: The purpose of this article is to identify the expressions of Italian modernism in the Lina Bo Bardi's work, from the conceptual discussion of the simple home. The study is qualitative and its corpus is made of 83 articles written by Lina Bo Bardi, as author or co-author, 11 for Domus

magazine and 72 for Grazia magazine, between 1940 and 1946, during the architect and designer time in Italy. In this period they were published 17 articles in Domus magazine and 76 in Grazia magazine. The Italian articles were translated into Portuguese and all the papers were submitted to content analysis. In addition to the documental study, a literature review was done focused on modernism, the Italian modernism and its main expression, the rationalism. The research found that the political and economic context of Italy during the first half of the twentieth century, dominated by fascism, as well as the ideological disputes around the modern Design and the political choices of Lina Bo Bardi conditioned the development of a reconceptualization, by the author, the debate around the buildings and furniture that culminates in the debate on simple home. In this theoretical and discursive construction, the author gives centrality to a house that first of all is the playing space of the workforce of the urban working class and you to answer the needs and use values of its residents to the detriment of aesthetic and allegorical needs.

Keywords: *Italian modernism, Lina Bo Bardi, simple home, Italian rationalism.*

1. INTRODUÇÃO

Lina Bo Bardi¹ atuou profissionalmente como arquiteta na Itália, entre 1939 e 1946, em um período marcado pela Segunda Guerra Mundial e pela falta de demanda de projetos de novas edificações. Assim, boa parte dos debates sobre arquitetura e design aconteciam no campo intelectual, através das revistas especializadas, voltadas aos profissionais das áreas projetuais, e das revistas voltadas ao grande público, especialmente o feminino.

Quando a arquiteta ítalo-brasileira iniciou seus estudos de graduação e em seguida passou a atuar profissionalmente, já existiam, na Itália, diversas correntes modernas estabelecidas na Itália, e cada uma expunha suas matrizes ideológicas, apesar das tensões e disputas em torno do projeto de modernidade (RUBINO E GRINOVER, 2009). Neste contexto conservador, de uma Itália dominada pelo fascismo, Lina formou-se dentro do padrão racionalista na cidade de Roma, contudo optou por iniciar seu caminho profissional em Milão, cidade reformista e industrial, menos conservadora do que a Roma da Itália de Mussolini. Por outro lado, a consolidação do Movimento Moderno exigiu a reformulação também dos espaços internos das edificações, o que se refletiu no design de móveis. Os arquitetos, assim como Lina Bo Bardi, exerceram um importante papel, neste processo de reconceituação.

Diante da importância deste período para a formação teórica, profissional e política de Lina Bo Bardi e da construção do discurso sobre o movimento moderno da segunda geração, nas áreas de Design e Arquitetura, o objetivo deste artigo é identificar, nos escritos de Lina Bo Bardi, de que forma ela incorporou o Modernismo

¹ Achillina di Enrico Bo nasceu em Roma, em 5 de dezembro de 1914. Formou-se arquiteta em 1939, pela *Università degli Studi di Roma* (atual *Università di Roma La Sapienza*).

italiano, através do debate sobre a casa simples. O *corpus* desta pesquisa, de natureza qualitativa, sobre o qual foi realizada uma análise interpretativa, é composto por 83 artigos escritos por Lina, na condição de autora ou coautora, sendo 11 para a revista *Domus* e 72 para a revista *Grazia*, entre 1940 e 1946. Neste período, foram publicados 17 artigos na revista *Domus*² e 76 na revista *Grazia*³, segundo Grinover (2010). Os textos, originais em italiano e traduzidos neste trabalho para o português, foram cedidos pela pesquisadora Marina Grinover, mas estão disponíveis para consulta no Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, em São Paulo. Este artigo é um resultado parcial da pesquisa de mestrado em Design da autora.

Além da tradução e análise documental, também se realizou uma revisão da literatura sobre modernismo e racionalismo italiano, em clássicos do pensamento social, como a obra de David Harvey e Eric Hobsbawm.

2. O CONTEXTO ITALIANO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A Itália vivia conflitos políticos e econômicos, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1917), apesar dos ganhos territoriais. No ano de 1920, uma greve geral que envolvia milhões de trabalhadores demonstrava a grave crise econômica e consequentes desgastes sociais e políticos que o país enfrentava. Estes fatos refletiram-se na ascensão e fortalecimento dos partidos socialistas – favoráveis a um processo reformador por vias partidárias, os social-democratas – como de partidos comunistas revolucionários, que buscavam a emancipação humana por meio da revolução comunista. (HOBSBAWM, 1995)

A mobilização dos setores de esquerda reforçou o receio das classes burguesas e conservadoras, que apoiaram o Partido Nacional Fascista, que ascendeu ao poder em 1922, após a marcha sobre Roma, quando Benito Mussolini assume o cargo de primeiro ministro. A ditadura fascista dominou a Itália entre 1922 e 1944, chegando ao fim com a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial e a revolta popular; Mussolini, fugindo para a Suíça, foi capturado e morto por guerrilheiros na comuna italiana de Dongo, em 1943.

Outro fator de conflito em território italiano foi devido ao processo tardio de unificação territorial e política deste país, que ocorreu somente no final do século XIX. De acordo com Cancellieri (2014), ocorreu, entre os séculos XIX e XX, um processo de lenta industrialização do setor agrícola-alimentar, em uma Itália que, apesar de unificada em um Estado Nacional, precisava ainda organizar-se em seus sistemas econômico, produtivo e político. Desta forma, inicia tardiamente o processo de revolução industrial e se intensifica o processo de urbanização, provocado também por um notável crescimento demográfico, em decorrência das melhorias das condições sanitárias e da criação de um proletariado industrial italiano.

² Destes, 4 artigos foram escritos por Lina Bo Bardi, 2 foram escritos por ela em parceria com Carlo Pagani, 1 foi escrito por Giò Ponti e 10 não estão assinados.

³ Destes, 8 artigos foram escritos por Lina Bo Bardi, 48 foram escritos por ela em parceria com Carlo Pagani e 20 não estão assinados.

3. O RACIONALISMO: EXPRESSÃO DO MOVIMENTO MODERNO NA ITÁLIA

A modernização da cultura italiana tem início após a Primeira Guerra Mundial, e o início da prática da arquitetura moderna neste país coincide com a instauração do fascismo, e se dá com o surgimento do Racionalismo. Este estilo buscava uma síntese nova e mais racional entre os valores do Classicismo italiano, através da corrente chamada *Novecento*⁴ e a lógica estrutural da era da máquina, representada pelo Futurismo⁵. Um dos mais importantes grupos de vanguarda racionalista foi o *Gruppo 7*⁶, que também demonstrava uma certa afinidade com o *Deutsche Werkbund* e as obras do construtivismo russo (FRAMPTON, 2000). Apesar de ligado ideologicamente ao Futurismo, o *Gruppo 7* valorizava mais uma reinterpretação da tradição clássica do que a modernidade por si só:

“A marca da vanguarda anterior foi um ímpeto afetado e uma fúria vã e destrutiva em que se misturavam bons e maus elementos; a marca da juventude de hoje é um desejo de lucidez e sabedoria. (...) Isto deve ficar claro (...), não pretendemos romper com a tradição. (...) A nova arquitetura deve ser o resultado de uma estreita associação entre lógica e racionalidade”. (GRUPPO 7 apud FRAMPTON, 2000, p.247)

O Racionalismo italiano estabeleceu-se temporariamente como organismo oficial do *Movimento Italiano per l'Architettura Razionale* (MIAR), fundado em 1930, 1 ano antes da exposição do *Gruppo 7*, em 1931, na galeria de arte de Pietro Maria Bardi. A exposição acompanhava um panfleto intitulado “Relato a Mussolini sobre a arquitetura”, escrito por Bardi, no qual ele afirmava que o racionalismo era o único movimento capaz de exprimir os valores do regime. No mesmo período, o MIAR também declarou que o objetivo moral do movimento seria servir ao regime fascista. Mussolini chegou a inaugurar a exposição, que foi hostilizada pela União Nacional dos Arquitetos que, por sua vez, declarou que a arquitetura racionalista era incompatível com as exigências retóricas fascistas. O arquiteto e professor da Universidade de Roma Marcello Piacentini, então, propôs o *Stile Littorio*, caracterizado pelo classicismo residual e por ser, formalmente, extremamente eclético, como estilo oficial do partido (FRAMPTON, 2000). Sobre esta situação, o crítico de arte Edoardo Persico escreveu, em 1934:

“Hoje, os artistas devem defrontar-se com o mais espinhoso dos problemas da vida italiana: a capacidade de acreditar em ideologias específicas e o desejo de prosseguir a luta contra as reivindicações de uma maioria ‘antimodernista’” (PERSICO apud FRAMPTON, 2000, p.249).

⁴ O Novecento italiano, termo criado por Anselmo Bucci, foi um movimento artístico que se desenvolveu na primeira metade do século XX, pretendia um retorno à ordem e à recuperação da tradição italiana primitiva e renascentista. Depois de 1926, indicava um movimento mais amplo que exprimia os valores do nacionalismo fascista. (ENCICLOPEDIA TRECCANI, 2016)

⁵ O Futurismo surgiu na Itália a partir do manifesto *L'Architettura Futurista*, de 1914, idealizado por Antonio Sant'Elia. Era movido pelo “supremo esplendor da velocidade mecânica” e, desta forma, criticava fortemente os ornamentos da arquitetura neoclássica (FRAMPTON, 2000). Segundo Harvey (1992), os futuristas italianos aceitaram a ideia da destruição criativa e do militarismo violento, a ponto de engrandecer, mais tarde, a figura de Mussolini, tomando-o como herói.

⁶ O Gruppo 7 era formado por Sebastiano Larco, Guido Frette, Carlo Enrico Rava, Adalberto Libera, Luigi Figini, Gino Pollini e Giuseppe Terragni. (FRAMPTON, 2000)

Pode-se concluir, a partir destes fatos e de acordo com Lima (2009), que se pode dividir o panorama cultural italiano deste período em três eixos principais: de um lado, os arquitetos críticos que apoiavam princípios abstratos e racionalistas, através de suas “ideologias específicas”, representados por profissionais como os do *Gruppo 7*; do outro lado, o grupo “antimodernista”, constituído por profissionais que se valiam de princípios neoclássicos e vernaculares, como o arquiteto Giò Ponti e o urbanista e historiador Gustavo Giovannoni⁷. Entre este embate, havia o *Stile Littorio* – que recebeu apoio de Mussolini e tinha como centro de formação a Universidade de Roma – que, através de um classicismo simplificado, representava uma resposta intermediária às posições de outros grupos.

4. CONTEXTUALIZANDO LINA BO BARDI

Neste contexto de rápido desenvolvimento capitalista, urbanização e consolidação da identidade cultural italiana, Lina Bo Bardi graduou-se em arquitetura em 1939, em Roma, cidade que era o centro intelectual e político do fascismo, em uma escola de corrente conservadora e ligada aos valores do regime nacional socialista. Orientada politicamente e filosoficamente ao Partido Comunista e ao marxismo, Lina muda-se, neste ano, para Milão, cidade mais dinâmica e que não tinha “ruínas” (BARDI, 1993).

Em Milão, além do seu trabalho no escritório da *Via Gesù*, que mantinha com o colega arquiteto Carlo Pagani, para, segundo ela, “adquirir experiência”, trabalhou junto ao arquiteto Gio Ponti⁸, quando desenvolveu projetos em várias escalas:

“(…) O trabalho: desde o design de xícaras e cadeiras, desde a moda, isto é, roupas, até projetos urbanísticos, como o projeto de ‘Abano’ (estação termal do Veneto). A atividade do escritório se estendia da construção da ‘Montecatini’ à organização das Trienais de Artes Decorativas e à redação de revistas. Assim entrei em contato direto com os reais problemas da profissão”. (BARDI, 1993, p. 9)

As atividades profissionais de Lina Bo Bardi incluíam, além dos projetos, a escrita de artigos para revistas especializadas em arquitetura, que possuíam linguagem técnica, e para revistas direcionadas ao grande público.

Lina Bo Bardi fez parte da segunda geração de arquitetos modernos que, segundo Montaner (2001), surgiu com a proposta de ampliar alguns pontos básicos do Movimento Moderno. O autor cita o livro de Alfred Roth, *The New Architecture*, de 1939, que propõe “as primeiras tímidas defesas do valor da história, da importância do contexto e da necessidade de atender à escala humana” (MONTANER, 2001, p.14). Esta relação mais próxima entre o usuário e a edificação surge, segundo ele, na “recuperação da ideia de monumentalidade, sustentando que as pessoas querem edifícios que representem, além de verificações funcionais, sua vida social e

⁷ Gustavo Giovannoni (1873-1947) foi professor de História da Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma. (LA SAPIENZA, 2016)

⁸ Gio Ponti (1891-1979) foi um dos nomes mais conhecidos da Arquitetura e do Design na Itália. Foi líder do movimento pela valorização do artesanato italiano, diretor das Trienais de Milão e criador das revistas *Domus* e *Lo Stile*. (RUBINO E GRINOVER, 2009)

comunitária” (MONTANER, 2001, p.15), ao contrário do rígido racionalismo da primeira geração modernista.

Outras iniciativas que, nesse sentido, surgem a partir desta segunda geração de profissionais, ainda segundo Montaner (2001), são a integração da arquitetura ao contexto da paisagem e no surgimento, nos projetos, de formas curvas e dinâmicas, opostas à ortogonalidade da Bauhaus. Dentro da tradição da vanguarda, deixam para trás a ortodoxia racionalista, seguindo um caminho mais ligado à liberdade artística, recorrendo ao campo simbólico e irracional. Na Itália, profissionais como Ignazio Gardella, Carlo Mollino, Giovanni Michelucci desenvolveram caminhos próprios alheios aos princípios programáticos do Movimento Moderno.

É possível perceber os posicionamentos de Lina, em seus textos, quando defende que a arquitetura deve ser simples, funcional e integrada à natureza. Da mesma forma, entende-se o design projetado para estes espaços. Estas ideias podem ser atribuídas à sua formação acadêmica modernista (dentro deste pensamento da segunda geração), mas também às suas escolhas políticas, relacionadas ao marxismo e à sua filiação ao Partido Comunista italiano.

No contexto entre guerras e da Segunda Guerra Mundial, devido à pouca demanda de projetos arquitetônicos, a Arquitetura era praticada no campo intelectual, especialmente pelos arquitetos de pensamento contra-hegemônico, silenciados ou vítimas da depuração ideológica. A escrita foi, portanto, uma forma encontrada por Lina e por estes arquitetos de manter este debate.

Também havia a real necessidade de reconstrução das cidades destruídas – econômica, social e fisicamente e, além disso, foi necessário que, cada vez mais, os artistas explicitassem seus compromissos políticos, o que configurou uma mudança significativa na abordagem do modernismo.

5. O DEBATE SOBRE A CASA SIMPLES SEGUNDO LINA BO BARDI

Através da escrita e dos projetos publicados nas revistas, Lina Bo Bardi atuava como difusora das ideias e valores da segunda geração de arquitetos modernistas. O seu papel como escritora tinha como estratégia promover, junto à comunidade de arquitetos e o público leitor, uma atualização da linguagem artística que vinha de encontro à questão industrial, dando sentido histórico à arquitetura e ao design contemporâneos na Itália do pós-Primeira Guerra Mundial. (RUBINO E GRINOVER, 2009)

Desta forma, nos artigos escritos por ela (como única autora ou como coautora), ficava clara a valorização da casa simples, isto é, de dimensões menores, mas organizada de forma racional; com o uso de mobiliário simples, mas em harmonia com as necessidades dos seus moradores:

“Em uma casa como esta, o espaço é precioso, os móveis devem ser, portanto, muito simples, pouco volumosos. Não seriam adequados, então, o ‘estilo Quattrocento’, ou ‘veneziano’, ou ‘rococó’, a nossa leitora não poderá, portanto, utilizar a sua sala de jantar ‘estilo antigo’. Utilizará, ao contrário, poucos e simples móveis de madeira clara, algum estofado colorido e cuidará da sua pequena casa de modo que resulte ‘sua’, em todos

os aspectos: plantas, cortinas, quadros, luminárias”. (*La Casa Semplice – revista Grazia – BARDI E PAGANI, 1942, tradução nossa*)

Diante da emergente necessidade de reconstrução das cidades destruídas pelos conflitos, era preciso estimular a racionalidade e simplicidade dos ambientes e, e isto refletia-se na crítica ao ornamento e à não funcionalidade do estilo neoclássico. A forma de atingir este ideal era propor soluções capitalistas, que demandavam planejamento e industrialização em larga escala, e que resolviam os dilemas do desenvolvimento e estabilização político-econômica:

“Quanto de vós desejam uma moderna sala de jantar? Uma sala de jantar clara, de bom gosto e não muito cara? Eis uma graciosa sala de jantar que vocês poderão executar com um modesto mobiliário. A sua linha é simples e acolhedora; nenhum espelho bizotado, vidros jateados, entalhos. Na sua saleta de jantar, poderão comer serenamente todos os dias sem que os seus olhos sejam ofendidos por pretensiosas peles e por protuberâncias barroco-novecento.

(...) Hoje, os gostos mudaram, os balcões não se usam mais e a prataria fica guardada nas gavetas; mas não temam de saber que, nesta sala, comerão, não adornem os móveis com bonequinhos e monumentinhos de alabastro falso, coelhos e filhotes de porcelana, lembranças de festas passadas”. (*Una semplice stanza da pranzo – revista Grazia – BARDI E PAGANI, 1941, tradução nossa*)

Mobiliar e decorar a casa significava adequá-la ao estilo e gostos dos moradores. Esta casa, enquanto reflexo do estilo de vida moderna, adquiria um sentido de vida que era indício de uma grande civilidade:

“Decorar a sua casa quer dizer criar uma harmonia entre a casa e você, criar com um ânimo de serenidade e paz que é um sagrado direito nosso. As suas casas devem transmitir os seus desejos de serenidade, evitando ridículos móveis de formas sem graça, incômodas e arbitrarias, madeiras vistosas, estofados e luminárias de péssimo gosto que geram confusão, tolhendo a simplicidade e a clareza que vocês têm o direito de ter”. (*Semplicità – revista Grazia – BARDI E PAGANI, 1941, tradução nossa*)

Segundo Santos (1995), as experiências modernistas na arquitetura lançaram as bases para a modernização dos espaços internos, o que criou a necessidade de reformulação do design de mobiliário, e os arquitetos, como Lina Bo Bardi, tiveram um papel essencial neste processo. Em muitos dos textos escritos, encontram-se projetos de móveis, para que o leitor possa executá-los:

“Eis um outro pequeno móvel da série ‘móveis simples’. É uma escrivaninha em madeira carvalho ou cerejeira, com duas gavetas laterais revestidas em tela encerada em cores vivas, ou em *cinz* ou *canapa* florida. A linha do móvel é simplíssima e, entregando esta página ao seu carpinteiro, poderás executá-lo sem muitas explicações”. (*Una piccola scrivania per la casa degli sposi – revista Grazia – BARDI E PAGANI, 1943, tradução nossa*)

É interessante notar que, além das linhas e materiais simples, a arquiteta também sugeria que o leitor revestisse os móveis com o tecido de sua preferência, permitindo uma maior personalização. Esta forma também pode ser entendida como uma forma de aproximação com o usuário:

“Eis um pequeno móvel de trabalho de fácil execução e de grande praticidade, composto de um compartimento fixo e de duas aberturas a compasso. O pequeno móvel construído em madeira ordinária é

completamente revestido de *canapa* ou *cinz* de belas florezinhas vivazes. Passe esta página ao seu carpinteiro e terá um gracioso móvel para a sua casa”. (*Um mobiletto da lavoro* – revista *Grazia* – BARDI, 1942, tradução nossa)

Lina, por conta de suas escolhas políticas orientadas ao marxismo e ao partido comunista italiano, pensava a arquitetura de forma coletivista, a partir das necessidades de uso da classe trabalhadora. Em diversos textos, expressa seu pensamento coletivista, reforçando a função social que acreditava que deveria ser exercido pela Arquitetura e pelo Design. Lina aborda a casa do homem como um problema de civilidade, dentro dos marcos do capitalismo industrial. O ambiente moderno era um espaço de reprodução da força de trabalho:

“Difundir o descuido, ensinar a desculpar tudo com palavras, com o falar bem (um tempo uma obra qualquer se defendia com a crítica mais hermeticamente pessoal, hoje se pode fazer passar tudo dizendo ‘humano, social, não tinha entendido, arrependamo-nos em coro’) é um erro; não basta mover-se. Construir a casa do homem é um problema de civilidade, e a civilidade procede de poucas conquistas perseguidas com verdadeira convicção”. (*Due case d’abitazione a Milano* – revista *Domus* – BARDI, 1944, tradução nossa)

Este pensamento coletivista, voltado às necessidades da classe trabalhadora italiana, é referenciado, nos textos, através da possibilidade de múltiplos usos de ambientes menores. A planta livre – característica do modernismo desde a primeira geração – permitia que os espaços fossem divididos não apenas por paredes, mas através de móveis, utilizados como divisórias. Além de resultar em um menor custo na construção das edificações, esta também era uma necessidade nos contextos históricos de guerra, industrial e urbano, e acomodação da classe trabalhadora em espaços pequenos das casas:

“A construção a esqueleto, com a abolição das paredes portantes, tornou possível uma grande flexibilidade no plano da decoração, e o procedimento lógico de construção é, até então, aquele da maior liberdade na disposição dos ambientes; abertos, separados por divisórias, facilmente transformáveis, fechando a decoração de modo *não permanente* enquanto um caráter de maior solidez aparente caracteriza as instalações permanentes: banheiros, *toilettes*, cozinhas, lavanderias e serviços em geral. Nem sempre paredes em alvenaria e divisórias permanentes formam separação entre os ambientes, muitas vezes a separação é obtida mediante móveis profundos que formam paredes. A abolição das divisórias não estritamente necessárias é útil para o máximo rendimento do espaço ligado ao alto custo da construção”. (*Sistemazione degli interni* – revista *Domus* – BARDI, 1944, tradução nossa)

6. CONCLUSÃO

Lina Bo Bardi dedicou boa parte de sua vida profissional à escrita, período que abrange desde seu período italiano até depois de chegar e estabelecer-se no Brasil. Em muitos de seus textos, a arquiteta e designer aborda o tema da casa simples como reflexo do estilo de vida moderno: sem adornos desnecessários e bastante funcional, mas em profunda relação com o usuário, instrumentalizada pelo mesmo.

A análise dos textos revela, também, uma recorrente preocupação com a realidade das pessoas que viviam da venda da força de seu trabalho, pois propunha

soluções práticas para o cotidiano das casas das pessoas. Isto expõe sua linha de pensamento contra-hegemônico – nas áreas projetuais e na política – que a acompanhou por toda a sua vida profissional, inclusive em seus trabalhos no Brasil. A arquiteta e designer, estando de acordo com sua orientação político-filosófica de esquerda, relacionada ao marxismo e ao Partido Comunista, pensava a arquitetura e o design como problemas de civilidade inerentes ao conflito entre as possibilidades do projeto moderno de emancipação humana e os limites da modernidade burguesa.

O estudo da ainda pouco pesquisada fase italiana de Lina Bo Bardi, na qual se insere como pensadora crítica em seu contexto intelectual, descortina a importância de seus escritos e projetos para a compreensão do pensamento moderno na Itália, e para além de sua fase italiana.

REFERÊNCIAS

BARDI, Lina Bo. Curriculum Literário. In: FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993. p. 9-12.

BARDI, Lina Bo. Due case d'abitazione a Milano. **Domus**, Milão, p.430-431, 1944.

_____. Sistemazione degli interni. **Domus**, Milão, p.199-208, 1944.

_____. Un mobiletto da lavoro. **Grazia**, Milão, p.11-13, 1942.

_____. Un scrittoio per signora. **Grazia**, Milão, p.26-27, 1942.

BARDI, Lina Bo; PAGANI, Carlo. La casa semplice. **Grazia**, Milão, p.26-27, 1942.

_____. Semplicità. **Grazia**, Milão, p.31-33, 1941.

_____. Una piccola scrivania per la casa degli sposi. **Grazia**, Milão, p.26, 1943.

_____. Una semplice stanza da pranzo. **Grazia**, Milão, p.31-33, 1941.

CAFAGNA, Luciano. L'industrializzazione italiana. La formazione di una "Base industriale" fra il 1896 e il 1914. In: GRAMSCI, Fondazione Istituto (Org.). **Studi Storici**. Milão: Fondazione Istituto Gramsci, 1962. p. 690-724. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20563214>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

CALVINO, Istituto. **Antonio Sant'Elia**: Manifesto dell'Architettura Futurista. Disponível em: <<http://www.istitutocalvino.it/studenti/siti/santelia/manifesto.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

CANCELLIERI, Stefania. **Il tempietto di San Giacomo e la chiesa di San Pietro a Vicovaro**: Restauri e studi interdisciplinari tra architetture e paesaggi. Roma: Gangemi Editore Spa, 2014. 192 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=sqxKCAAQBAJ&pg=PA97&lpg=PA97&dq=Il+tempietto+di+San+Giacomo+e+la+chiesa+di+San+Pietro+a+Vicovaro&source=bl&ots=bY0vvGYxuO&sig=mAWZR2mErBfVYPE3mdj_39FBK9M&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjajv55rNAhXGI5AKHassBy4Q6AEIlzAB#v=onepage&q&f=false Acesso em: 09 jun. 2016.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**: arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. 271 p.

DOMUS, Editoriale. **Il riferimento internazionale per l'architettura, il design e l'urbanistica**. Disponível em: <<http://www.edidomus.it/it/brand/domus>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

ENCICLOPEDIA TRECCANI. **Novecento**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/novecento/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRAZIA. **Grazia**. Disponível em: <<http://www.mondadori.it/Il-Gruppo/Periodici/Italia/Grazia>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

GREGOTTI, Vittorio. 1919 - 1945. In: GREGOTTI, Vittorio. **Il Disegno del Prodotto Industriale: Italia 1860 - 1980**. 5. ed. Milão: Edizioni Electa Spa, 2003. Cap. 2. p. 127-145.

GRINOVER, Marina Mange. **Uma Ideia de Arquitetura: Escritos de Lina Bo Bardi**. 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://teses.usp.br>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 25. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Zeuler de Almeida. Lina Bo Bardi, entre margens e centros. **Arqtextos**, Porto Alegre, n. 14, p.110-144, jun. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_14/05_ZL_entre_margens_e_centro_070210.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Org.). **Lina por escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 208 p.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1995. 198p.